

MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO
Rua Barão do Rio Branco, 1811
Campo Grande - MS - Brasil



PE. DOMINGOS CORSO - SDB

No início da noite de ontem, 07 de setembro, o Pe. Domingos Corso, o salesiano mais idoso de nossa Inspeção fechava os olhos a este mundo para acordar na Casa do Pai.

Pe. Domingos Corso faleceu em Guiratinga no início da noite de 07 de setembro de 2003, aos 95 anos de idade. Era então o salesiano mais antigo ou idoso da inspeção. Esse salesiano de origem italiana que veio para o Brasil em 1927, nasceu em Fonzaso BL – Itália no dia 14 de junho de 1908. Veio para o Brasil, depois de muitos anos de aspirantado em Ivrea, para o noviciado

em Lavrinhas-SP, no ano de 1929. Fez sua primeira profissão religiosa no dia 31 de janeiro de 1930 e sua profissão perpétua em Silvânia – GO, no dia 31 de janeiro de 1934. Depois de estudar quatro anos no Pio XI – Lapa – S. P, foi ordenado aí mesmo, conforme o costume no dia 08 de dezembro de 1940.

Como sacerdote esteve presente em muitos lugares importantes da inspetoria e contribuiu muito com seu espírito de trabalho e dedicação para que algumas obras da inspetoria tivessem a apresentação que hoje possuem. Assim esteve no colégio D. Bosco de Campo Grande em 1941, mas já no início de 1942 estava iniciando a presença salesiana na cidade de Lins-SP para, em seguida, assumir o economato no colégio S. Gonçalo de Cuiabá onde permaneceu por seis anos.

A próxima etapa de sua vida, talvez a mais significativa como atuação, abrangeu o período de 1946 até 1955 em que atuou em todas as faixas de atividades possíveis na cidade de Araguaiana. Esta cidade, que no início do século teve uma importância ímpar com a instalação do telégrafo que ligava a capital do país, Rio de Janeiro ao Acre, foi perdendo a importância e deixou de ser referência para o desenvolvimento da região. Os salesianos estiverem presentes com uma escola e internato, ao lado das FMA que cuidavam das meninas. Em Araguaiana, Pe. Domingos Corso fez de tudo e trabalhou muito para o desenvolvimento e administração da cidade; foi prefeito por um período legislativo, construiu estradas e lutou para o bem da cidade. Depois de passar

um período em Poxoréo e Sangradouro, retornou como diretor do colégio de Araguaiana onde permaneceu até 1963.

Depois foi transferido para a cidade de Barra do Garças para trabalhar como vigário paroquial itinerante; nesta atividade permaneceu até 1970.

Antes de ir para Guiratinga, de 1970 até 1975, veio trabalhar na Obra Social Paulo VI em Campo Grande como administrador e muito unido ao diretor de então, o intrépido e laborioso Pe. João Falco. Neste período fizeram um grande plano para o desenvolvimento da Obra Paulo VI; quase tudo o que ali existe foi concebido e edificado naquele tempo. A estratégia vitoriosa do trabalho do Pe. Domingos, aliada à perspicácia do Pe. João Falco conseguiu, por meio de muitas promoções, a construção do colégio que funciona até os dias de hoje. Edificaram os salões que serviram para as promoções e para o atendimento dos oratorianos e movimentos paroquiais. Construíram o santuário e a residência salesiana que era ao lado da igreja. Nessas tarefas, o diretor sempre contou com a capacidade de trabalho e organização do Pe. Domingos; se o Pe. Falco tinha o poder de movimentar o povo, a fidelidade e a capacidade do Pe. Domingos Corso de organizar e executar eventos foram essenciais para o grande montante de edificações e de atendimentos ministeriais e sociais que realizaram. Contaram também com a excelente atuação de uma ex-FMA, Sra. Sônia, que organizava a parte de eventos e das atividades sociais. Nessa época, o bairro tinha outra configuração sócio-cultural e sempre gozou de todas as simpatias do governo e do povo.

Admiravam a capacidade de realização, de inventividade e de trabalho da famosa dupla “Falco-Corso”.

Depois de 1976, transferido para Guiratinga, quando ainda o colégio pertencia à Missão Salesiana, ele foi para Guiratinga como ecônomo e lá permaneceu até sua morte. Nesta última etapa, sempre foi muito dedicado e trabalhador; fez prevalecer sua antiga capacidade de organizador e realizador de obras para muito auxiliar o trabalho do Sr. Bispo e do Pe. Santo Faresin. Surgiram as obras do Hospital Santa Bertilla, a obra da casa de repouso Caetana Sterni e outras. Segundo o Me. Aniceto Zonta, por mais de vinte anos, a convite de D. Camilo, Pe. Domingos Corso veio para auxiliá-lo em seus empreendimentos e reformas. Pe. Domingos era um homem polivalente e entendia bastante dos setores elétrico, hidráulico e estrutural das construções e pôde auxiliar muito a D. Camilo nas reformas e edificações como do Palácio episcopal e dos hospitais!” E acrescentou: “Depois dedicou-se no cuidado da chácara, na produção do leite e das verduras para o hospital e na manutenção de todas as áreas ou dos aparelhos no hospital.”

Neste período, além de sempre trabalhar no pesado até que tivesse força, trabalhou muito no atendimento do povo. Sua atividade ministerial não conheceu limites e enquanto pôde, sempre, apesar de tantas “batidas de carro”, procurou atender as capelas e os chamados no hospital ou no asilo.

Neste período, para auxiliá-lo em suas tarefas de administrador e mais tarde para cuidar de sua velhice, veio morar em Guiratinga um seu sobrinho que se tornou um verdadeiro salesiano, o Beppe. Este moço tornou-se o seu “anjo

da guarda” em suas atividades. Mais tarde acompanhou-o em sua velhice na casa de repouso Caetana Sterni. Assim que não mais podia se manter sozinho, foi para um quarto no asilo onde sempre proporcionou muita alegria e admiração até os seus últimos dias. A idade avançada e o carinho de todos, em especial de seu sobrinho, possibilitaram uma velhice alegre e muito adiantada, 95 anos de uma vida intensa mesmo quando não mais podia sair da cama. Sua morte deixou um vazio imenso em todos, na inspetoria, em Guiratinga, na casa salesiana e no asilo.

Com a morte do Pe. Domingos extinguiu-se uma geração especial de salesianos que muito fizeram pela inspetoria. O Pe. Cornélio, D. Camilo Faresin e o Pe. Domingos constituíram uma geração de realizadores e de empreendedores destemidos, muito exemplares. Com o Pe. Domingos encerrou-se essa história concreta e passou-se para o tempo da memória e de lembrança, cujas obras não deixarão decrescer sua memória, ao contrário, as obras falarão sempre mais que as pessoas.

CONSIDERAÇÕES

O primeiro aspecto a ser notificado na pessoa do Pe. Domingos sempre foi e será a sua consciência de missionário salesiano: tudo que realizou ou idealizou, tudo que construiu ou que auxiliou a edificar, toda a sua capacidade de trabalho e de empreendedor, tudo estava sob a luz de uma inspiração maior que foi a fonte de todo o seu dinamismo, “ele era um missionário que deveria edificar

a igreja” ou o Reino de Deus. Essa primeira observação explica todas as ações e atividades realizadas pelo Pe. Domingos Corso.

Esta fonte de dinamismo assumida gerou toda a força de trabalho e de dedicação que perpassou sempre a vida do Pe. Domingos; assim era a sua força interior no seguimento dos exemplos do Pai D. Bosco: trabalho, trabalho e trabalho. Essa certeza levou o Pe. Domingos a dedicar todas as horas de sua vida ao trabalho para edificar construções que possibilitassem a edificação das pessoas no caminho da fé ou da educação ou da promoção humana.

Se sua vida foi toda marcada pelo dinamismo com que enfrentou todas as dificuldades ou executou as obras, seu interior se enriqueceu pela fidelidade mostrada em tudo como uma determinação de disposição para sempre estar trabalhando e atendendo. Não houve tempo para muito descanso, ao contrário, sempre o tempo era para a dedicação apostólica ou para o trabalho cotidiano. Assim, sua vida de salesiano exemplificou de forma modelar sua vida religiosa numa época em que o trabalho e a seriedade de empenho indicaram a consistência da vida religiosa. Essa determinação em trabalhar sempre proveio de suas origens de família, ganharam maior incentivo pelo espírito de trabalho pedido por D. Bosco aos salesianos, expressou-se como modelar numa época em que tudo estava por fazer e, talvez, edificar uma diocese passasse por aquilo que fosse muito concreto e poderoso, como a capacidade de realizar. Ao lado dessa atividade passou como característica muito viva a sua fé e sua devoção a Nossa Senhora e ao papa, sua dedicação à construção da igreja na prelazia tornou-se um imperativo a ser executado e exemplarmente. Tudo

era visto como expressão de seu ser salesiano. O espírito salesiano tinha nessa época uma característica de concretude ou capacidade de fazer e edificar para auxiliar o povo e a manutenção da fé; a caridade como presença e como atendimento foi outra maneira de mostrar a sua dedicação ao próximo, aos mais necessitados.

Durante o período de tempo que passou em Araguaiana, além de auxiliar em tudo na manutenção do colégio para internos, procurou melhorar a cidade, construindo uma estrada nova que ligava a cidade com a Barra do Garças, o que foi uma boa novidade, pois quase toda a comunicação com a cidade dependia do Rio Araguaia. O internato para meninos, ao lado do internato das FMA para as meninas, prestou um grande serviço para os fazendeiros e trabalhadores em fazendas da região. Nesses internatos podiam deixar com segurança os próprios filhos para estudarem. Por muitos anos estes colégios foram o sustentáculo da instrução e do estudo regular para a juventude daquela região. Foram por muitas décadas as referências como escola para a população ribeirinha do Araguaia, para uma região do Mato Grosso e para Goiás.

Sobre sua atuação como diretor, testemunha o Pe. Mario Gosso: - “Convivi com ele dois anos de minha assistência -1960 e 1961- em Araguaiana-MT. Cuidava da cidade também porque não havia autoridade civil. Assim reconstruiu o muro do cemitério que havia caído. E de uma feita aconteceu que com a única condução que existia na cidade, o caminhão do colégio, trouxe um trabalhador acidentado pela queda de uma árvore. Estava com a